

A PERCEPÇÃO DOS INGRESSANTES UNIVERSITÁRIOS ACERCA DA DISCIPLINA INTRODUTÓRIA DE IES, UMA PROPOSTA CURRICULAR

Adriana Lira
Denise Maria Soares Lima

Resumo

O principal objetivo deste estudo foi avaliar, a partir dos estudantes, em que medida a disciplina Introdução à Educação Superior (IES), oferecida como obrigatória no novo currículo dos ingressantes na Universidade Católica de Brasília, tem alcançado os seus objetivos enquanto política institucional da Educação Superior na preparação dos estudantes para a elaboração dos trabalhos acadêmicos. Este estudo de caso foi realizado na referida universidade, no primeiro semestre de 2014. Os resultados apresentaram nível elevado de satisfação dos respondentes em relação à proposta da citada disciplina quanto à conscientização dos discentes para o processo de autoria, o que exige fidelidade à literatura consultada de modo a mudar uma realidade bastante comum no meio acadêmico, que é o cometimento do plágio.

Palavras-chave: Currículo, Introdução à Educação Superior, Trabalhos Acadêmicos.

Introdução

Para muitos estudantes e, às vezes, professores, “o ‘campus’ universitário espraia uma ideia vazia”, ou seja, se distancia de tudo e de todos. Hermético, impõe distância e isolamento (DEMO, 2009, p. 20). Para graduandos recém-chegados, o ingresso a esse universo é um trabalho hercúleo. Um mundo apartado onde disciplinas, grades curriculares, atividades (teóricas e práticas) e avaliações devem ser enfrentadas e, se possível, vencidas. Nesse embate, censura Demo (2009, p. 20): “Muitas vezes, ‘estudar’ também pode inspirar esta expectativa: é atividade especial, em tempo especial, em idade especial, lugar especial; é preciso ‘parar’ para estudar, interromper o dia ou a juventude, sair da vida normal.”

Aliado a isso, um dos desafios impostos ao calouro é o trabalho acadêmico, cuja realização sempre vem acompanhada de certa insegurança: Posso consultar a internet? Quais fontes são seguras e como elegê-las? Em que consiste o plágio? Como selecionar as ideias autorais? Como devo redigir o texto? Enfim, dúvidas surgem para o ingressante e inexperiente graduando e, muitas vezes, quando não são sanadas, acompanham-no por todo o período acadêmico. Vale acrescentar que os trabalhos acadêmicos como os aqui referidos

consistem em textos elaborados por estudantes universitários para o exercício das atividades acadêmicas e de pesquisa, tais como: resenhas, fichamentos, ensaios, artigos, monografias, entre outros.

Todavia, cada um dos trabalhos citados tem metodologia específica, e nem sempre manuais e guias são suficientes para sanar as dificuldades estudantis. Sem desconsiderar a questão de que muitos discentes ingressam na universidade sem o devido domínio da leitura e escrita, o exercício das tarefas acadêmicas exige dos graduandos a prática contínua, individual, objetivando o seu aprimoramento cotidiano. Neste aspecto, observa Demo (2003, p. 01):

Aos poucos, está entrando em cena a convicção de que, para o aluno aprender de verdade, precisa pesquisar e elaborar com mão própria. A aula vai ocupando, devagar, seu lugar adequado de pano de fundo, expediente supletivo. Não vai desaparecer, até porque faz parte da vanglória do professor, mas não é imprescindível para a aprendizagem do aluno.

De fato, na maioria das vezes, os docentes, ao requererem trabalhos acadêmicos para cumprimento de suas disciplinas, limitam-se a recomendar a padronização ou normas para apresentação e a lista de referências. Assim, quando se exige uma resenha ou um artigo, por exemplo, deve ser responsabilidade do discente buscar a técnica adequada para realizar o trabalho solicitado. Contudo, diante da falta de conhecimento, interesse, tempo, disposição, dentre outros fatores, muitas vezes, os estudantes recorrem ao plágio.

Versando sobre o assunto, recentemente, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) publicou nota, proveniente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, sobre propriedade intelectual. Dirigidas às instituições de ensino públicas e privadas brasileiras, as recomendações destacam a necessidade de adoção de medidas políticas de conscientização e informação no sentido de coibir a prática do plágio em redação de teses, monografia, artigos e demais trabalhos acadêmicos.

Em relação às medidas coercitivas, Pithan e Vidal (2013, p. 78) opinam: *“Infelizmente, percebe-se que a prática de fraude acadêmica já faz parte de uma cultura de desonestidade na qual há uma distorção de valores e na qual a punição exemplar de alunos que cometem plágio, quando existe, acaba sendo vista com maus olhos”*. Percebe-se que, no âmbito institucional, as punições impostas aos estudantes que cometem plágio, conduta reprovável, antiética e ilegal, estão a cargo das decisões locais ou dos docentes, não havendo, portanto, consenso sobre as medidas a serem adotadas nesses casos. Essas decisões isoladas acabam, muitas vezes, estimulando a reincidência da conduta.

É preciso, no entanto, considerar que a preparação dos estudantes de ensino médio nem sempre ocorre de uma forma satisfatória no desenvolvimento de habilidades necessárias para dar continuidade a esta nova etapa na Educação Superior conforme constatou Braga (1987), uma vez que os calouros, em choque com a nova realidade acadêmica, desistem logo no primeiro semestre. Neste contexto, constitui-se também um desafio, pois, no que se refere à leitura e à escrita, o preparo do estudante é necessário para o processo de autoria (cf., p. ex., AMORIM, 2010) a fim de alcançar, como se espera, uma aprendizagem de excelência.

Freitas (2012) em sua pesquisa constatou que o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos no percurso inicial da vida universitária costuma gerar angústia nos alunos e, muitas vezes, são vistos como obstáculos para a obtenção de êxito nas disciplinas que estão cursando. Não apenas no que diz respeito à sua estrutura e construção textual, mas também às dificuldades de leitura e interpretação de textos que impedem os ingressantes universitários avançarem, sendo, portanto, as práticas de leitura e escrita base para o desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos como pôde averiguar Motta (2010).

Diante deste cenário, a Universidade Católica de Brasília, munida do desejo de superar esses desafios, bem como o de atender aos seus pressupostos institucionais e pedagógicos, buscou avaliar o seu contato com os estudantes calouros, de modo a prover os meios para uma transição consistente, em que alguns dos saberes necessários ao aprendizado em nível superior sejam devidamente assimilados (UCB, 2011).

De acordo com Juliatto (2010), é esse processo de avaliação de desempenho que pode garantir o melhoramento da qualidade da educação a partir da coragem de fazer as mudanças necessárias por parte das lideranças docentes e administrativas e, deste modo, tornar esse comprometimento uma realidade efetiva. Neste sentido, foi a partir da avaliação de sua prática que surgiu a ideia de implementar no currículo dos cursos de graduação uma disciplina mais consistente para o ingressante na Universidade para que o alunado se desenvolva com eficiência durante todo o curso, atendendo, dessa forma, às exigências impostas pela Educação Superior.

IES: uma proposta curricular institucional

A disciplina Introdução à Educação Superior (IES), obrigatória para os estudantes calouros de todos os cursos, constitui a junção de duas disciplinas introdutórias, oferecidas no currículo anterior, “Leitura e Produção de Texto” e “Metodologia Científica”. A partir de 2010, com uma identidade própria, além de outros objetivos, a referida disciplina busca

incluir os estudantes no ambiente universitário, a partir de seu próprio contexto histórico-social, para compreender a construção do conhecimento na área escolhida de modo a torná-lo crítico e autônomo na (re) elaboração de conhecimentos e ainda para prepará-los para produção de trabalhos científicos de acordo com as normas acadêmicas e orientações acerca da autoria a fim de dar conta de um problema assaz comum no mundo acadêmico, o plágio (cf., p. ex., FREITAS, 2012), crime previsto em lei (BRASIL, 1998). No entanto, a disciplina, que estimula o professorado a refletir sobre a prática, não é totalmente aceita pelo conjunto de docentes da universidade, uma vez que ela convida à quebra de paradigmas formados durante toda a vida educacional no que se refere a aulas tradicionais, em que o docente é o centro da aprendizagem. Para a realização profícua de sua proposta, a disciplina conta com um processo de formação constante de professores, juntamente com grupos de trabalhos e formadores para aperfeiçoar as suas ações de modo alcançar os objetivos a que se propõe.

Considerando o processo avaliativo da disciplina em tela, entre outros objetivos, tem a função de acompanhar o estudante em sua produção diária após realizar um trabalho de sondagem em cada uma das turmas para averiguar os hábitos e prática de leitura dos alunos. Desta forma, a leitura e a escrita ocupam centralidade na disciplina, sendo, por isso, feito um trabalho dentro do ambiente da sala de aula e na biblioteca, cuja equipe, treinada, desenvolve o “Projeto Biblioteca Sem Fronteiras”, realizado em parceria com a equipe de coordenação da IES de modo a desenvolver o gosto pela leitura e a habilidade de consulta a bases de dados confiáveis (cf. UCB, 2011).

Cumprir lembrar que o estudante é acompanhado durante todo o processo de aprendizagem, como destaca o documento balizador da disciplina (cf. UCB, 2011, p. 24):

Esta postura não caracteriza mera vigilância, controle ou prestação de contas, mas zelo e cuidado em relação ao processo pedagógico. Ao final de cada aula, os estudantes realizam a escritura de um registro que começa descritivo e, pouco a pouco, assume contornos mais reflexivos em relação aos processos vivenciados. Além disso, os professores compartilham critérios de avaliação semelhantes: 35,0% da nota referentes aos registros realizados em sala; 35,0% da nota provindos da Avaliação Institucional realizada pelos estudantes e 30,0% da nota representados por atividades diversas solicitadas pelo (a) docente.

Ainda sobre isso, vale destacar que a avaliação dessa disciplina é um aspecto constantemente refletido pela equipe de professores que compartilha suas experiências.

Metodologia

As autoras deste artigo, ambas formadas em Letras, no momento de avaliação de trabalhos de conclusão dos cursos, puderam verificar dificuldades presentes na elaboração de textos, especialmente no que se refere à estruturação e elaboração textual, com as devidas citações, fragilizando a qualidade do trabalho e, ao mesmo tempo, assinalar como estas deficiências se arrastam por todo o curso. Por essa razão, as autoras se propuseram avaliar em que medida a disciplina de IES, como política curricular institucional, tem alcançado seus objetivos no que se refere à preparação dos estudantes para a correta elaboração dos trabalhos acadêmicos.

Para tanto, a partir de duas turmas do ensino noturno, escolhidas aleatoriamente este estudo buscou averiguar quais as percepções dos estudantes acerca da IES ao término do semestre letivo. Com tal intuito, levantou o seguinte questionamento sobre a implementação da referida disciplina na grade curricular: Qual o impacto da IES para o seu desenvolvimento no curso, no que se refere ao desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos e ao seu processo de aprendizagem no espaço acadêmico?

A pesquisa de caráter descritivo e exploratório foi realizada em duas turmas de Educação Superior do período noturno da Universidade Católica de Brasília, no início e término do primeiro semestre de 2014. Para este estudo de caso, optou-se pelas seguintes técnicas de coletas de dados: observação de aulas (6), sendo 3 em cada turma; análise documental do Dossiê de criação da disciplina de Introdução à Educação Superior (UCB, 2011); aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas. Para a análise estatística das questões fechadas, utilizou-se o *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 19.0. Neste trabalho preliminar, priorizaram-se os resultados do questionário. E em relação às questões abertas, as falas dos estudantes, para assegurar-lhes o anonimato foram representadas numericamente.

De acordo com Gil (2007, p. 54), um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Este pretende, por sua vez, conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe.

A amostra aleatória é composta de 73 estudantes dos seguintes cursos: Administração, Pedagogia, Letras, Matemática, Química, Física, Biologia, Jornalismo, Publicidade, Psicologia, Direito, Economia, Ciências Contábeis e Engenharia Civil, conforme tabela 1:

Tabela 1: Panorama de respondentes por curso

Cursos	n.	%
Administração	6	8,2
Pedagogia	7	9,6
Letras	4	5,5
Matemática	5	6,8
Química	10	13,7
Física	2	2,7
Biologia	7	9,6
Jornalismo	1	1,4
Publicidade	1	1,4
Psicologia	1	1,4
Direito	21	28,7
Economia	6	8,2
Ciências Contábeis	1	1,4
Engenharia Civil	1	1,4
Total geral	73	100

Fonte: Pesquisa de campo

Como se pode verificar na tabela 1, as duas turmas participantes, com um total de 73 respondentes, eram compostas por estudantes de diferentes áreas. A equipe diretiva da disciplina compreende que esta diversidade em cada sala de aula possibilitaria um diálogo entre as diversas áreas.

No perfil, prevalece o universo feminino com a participação de 61,6% de estudantes deste sexo, ao passo que 38,4% pertence ao sexo masculino. 99,0% dos respondentes eram calouros e apenas uma estudante era repetente. Do total, 60,3% estavam cursando pela primeira vez um curso de graduação. Estes, em maioria, declararam buscar a Educação Superior para ter mais estabilidade no futuro, visto que percebem que melhores oportunidades são oferecidas pelo mercado de trabalho aos graduados.

Os estudantes tinham entre 18 e 40 anos, porém mais de um terço tinha 18 anos de idade (34,3%). No que se refere às condições socioeconômicas, apenas a minoria declarou pertencer à classe média alta (11,0%) ou à classe alta (8,2%). Do total de estudantes, verificou-se que 93,2% não possuíam bolsa de estudos, ou seja, custeavam o seu próprio curso (48,0%) ou recebiam o apoio de seus responsáveis (49,3%).

A maioria (64,4%) cursou o ensino médio na rede pública e, em maior percentual, na modalidade regular (94,5%). Vale destacar que um elevado percentual (40,6%) declarou, ao término do primeiro semestre, que não foi preparado para o ingresso na Educação Superior. O que é corroborado também por estudantes em uma das questões abertas do questionário:

“A IES introduz a formação acadêmica que nos faltou no ensino médio, apresentando a nós a realidade da Educação Superior” (Estudante 27, sexo masculino, 36 anos, Direito).

“Aprendi sobre as técnicas de trabalhos acadêmicos que não são apresentados no ensino médio” (Estudante 32, sexo feminino, 17 anos, Economia).

A fim de averiguar o tempo disponível para os estudos, procurou-se identificar o tempo disponível dos estudantes para dedicar-se a esta atividade. Quase metade dos estudantes (43,9%) declarou só estudar o que leva a inferir que eles têm mais tempo para dedicar-se ao curso. Por outro lado, um percentual de 43,9% destacou que conciliavam estudo e trabalho, não tendo, portanto, a mesma oportunidade que os primeiros.

Resultados e discussão

O estudante e o seu processo de ensino-aprendizagem

Desejando melhor analisar os estudantes em seu processo de ensino aprendizagem no programa curricular da IES, buscou-se averiguar alguns aspectos que têm implicações diretas na aprendizagem dos estudantes. Um deles se refere ao processo de leitura, aspecto bastante explorado em pesquisas como verificou Amorin (2010) que a leitura constitui uma fragilidade ou entrave a ser superado no universo acadêmico. Aspecto confirmado também nas sondagens realizadas nos primeiros encontros de IES, quando apenas 11,0% dos calouros assinalaram que tinham o hábito de leitura. Contudo, ao término do semestre, verificou-se um avanço neste aspecto, visto que 91,8% declararam totalmente (45,2%) ou parcialmente (46,6%) ter desenvolvido o hábito de leitura ao passo que somente 8,2% consideraram não ter alcançado o mesmo.

A internet e o processo de ensino-aprendizagem

A internet tem sido um dos meios de apoio à consulta dos estudantes universitários para a realização de seus trabalhos acadêmicos. Se não, a principal. Contudo, esta ferramenta também importante para o processo de ensino aprendizagem em plena Era Digital, conforme destaca Wolynech (2010), tem se revelado também uma ferramenta perigosa não apenas no que se refere aos vícios de linguagem adquiridos, mas também na

substituição do acesso aos livros físicos pelas pesquisas virtuais, cuja praticidade exacerbada pode influenciar os estudantes pouco conscientes ao cometimento do plágio. Uma vez tendo acesso à internet em casa e na Universidade (97,3%) ou apenas no *campus* universitário (2,7%), os estudantes mencionaram optar pela comodidade do ambiente virtual, por isso, a internet foi apontada como principal fonte de pesquisas (73,9%), sendo esta inclusive uma tendência da atualidade em nosso meio acadêmico.

Uma das preocupações dos professores na Educação Superior é quanto à escrita culta nos trabalhos acadêmicos e, especialmente em relação ao processo de autoria dos estudantes. Neste sentido, quanto ao uso da internet, 98,6% declararam participar das redes sociais, porém 31,5% destacaram fazer uso da norma culta para escrever neste espaço. Já, em outra questão, 77,1% afirmam utilizarem o ‘internetês’ em seus textos (neologismo para a linguagem utilizada no espaço virtual, geralmente composta por abreviações e símbolos), enquanto 53,4% declararam que o uso do ‘internetês’ não os atrapalha, uma vez que nos momentos formais fazem uso da norma culta. Ressalte-se que ao longo do semestre, pôde-se perceber que muitos estudantes escrevem como falam ou são influenciados por esta forma de comunicação escrita do ambiente virtual, assim concordaram 15,1% dos respondentes.

A prática do plágio é outra questão preocupante e comum no início da vida dos universitários. Rodrigues (s/d), em seus estudos, verificou a proliferação do plágio nas universidades brasileiras. O referido autor lembra que não se trata de decorar normas, por vezes extensas e minuciosas, mas ensinar-lhes desde já que o plágio é crime previsto em Lei e, portanto, deve-se aprender a consultar as normas e citar autores devidamente, a fim de evitá-lo. No que se refere à “prática do plágio”, mais da metade dos estudantes declarou já o ter cometido sem saber (57,5%) ou mesmo sabendo (13,7%). A disciplina IES focaliza enfaticamente este aspecto, orientando os estudantes acerca dos conhecimentos anteriormente produzidos e o quanto esses devem servir de base durante o desenvolvimento de pesquisas, tendo a necessidade de fazer as citações diretas e indiretas como prevê a norma 10520/2002 (ABNT, 2002) para a elaboração dos trabalhos acadêmicos. Daí a necessidade de um trabalho cuidadoso na leitura e interpretação do texto, na identificação das ideias dos autores e na reflexão crítica sobre elas, uma vez que os estudantes desta disciplina (IES) são preparados a diferenciar as estruturas e a finalidades dos trabalhos acadêmicos, identificando desde já a estrutura e função das resenhas para o avanço do conhecimento científico.

Percepções dos estudantes acerca da disciplina de IES como proposta curricular

Ao término do semestre, 54,8% dos estudantes consideraram ter bom ou excelente (32,9%) nível de aproveitamento da disciplina como apoio para a aprendizagem também em outras disciplinas:

“A disciplina de IES é uma disciplina introdutória fundamental que nos proporciona conhecimentos que serão usados até o final do curso” (Estudante 11, sexo feminino, Letras).

Em relação ao nível de satisfação da disciplina quanto à metodologia utilizada, os estudantes declararam estar plenamente (95,9%) ou parcialmente satisfeitos (4,1%). Além desse dado, 100,0% dos respondentes consideraram justa a forma como os professores avaliam a aprendizagem discente. No decorrer do semestre, os alunos são preparados para aprender a estudar e desenvolver trabalhos acadêmicos de maneira profícua, o que lhes exige leitura crítica e conhecimento das normas de elaboração dos trabalhos científicos, conforme demonstram as falas a seguir:

“ Em IES, evolui na escrita e na oratória, além de aprender a padronizar os trabalhos acadêmicos” (Estudante 11, sexo feminino, Letras).

“ (...) São vários os ganhos adquiridos em IES, desde a escrita até a formatação dos trabalhos acadêmicos e também o envolvimento com alguns cursos distintos” (Estudante 58, sexo masculino, Biologia).

Neste sentido, um percentual significativo (90,4%) declarou colocar em prática nas outras disciplinas o que aprendeu em IES. Isso também pôde ser constatado em questões abertas respondidas pelos estudantes: *“A IES está servindo e servirá para todo o meu curso” (Estudante 36, sexo feminino, Ciências Contábeis).*

Segundo os estudantes entrevistados, a disciplina em questão os ajudou a quebrar a visão tradicional que tinham antes de ingressarem na universidade, ou seja, um espaço frio, individualista e solitário. Portanto, surpreenderam-se com a proposta da disciplina em foco, de modo que consideraram que 8 horas semanais acabam por serem insuficientes para o desenvolvimento deste componente curricular em estudo. Por exemplo, apoiar os estudantes nos primeiros passos dentro do *campus*, auxiliando-os a compreender a diferença entre Universidade, faculdade e centro universitário e orientá-los a viver o tripé da universidade nas experiências proporcionadas de ensino, pesquisa e extensão nas quais o docente passa a ser um referencial, um instigador e um orientador para a aprendizagem na organização da escrita, dos procedimentos de pesquisa e na organização dos trabalhos acadêmicos. Por essa razão, ao término do semestre, conforme já explicitado, não se detectou insatisfação em relação à IES.

Por fim, salienta-se que os estudantes declararam como os maiores ganhos oriundos da disciplina, em primeiro lugar, a aprendizagem sobre os trabalhos acadêmicos (estrutura, finalidades, normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT):

“Aprendi bastante com essa disciplina, pois sem ela não saberia por onde começar a fazer meus trabalhos e abrir a mente sobre diversos assuntos, podendo aprender mais” (Estudante 32, sexo feminino, 17 anos, Economia).

“A constante prática de leitura na disciplina se reflete na escrita. A disciplina de IES apresentou um vasto conhecimento acerca dos trabalhos acadêmicos” (Estudante 25, sexo feminino, 28 anos, Direito).

E, em seguida, destacou-se o apoio recebido dos docentes ao chegar à Universidade no que se refere a orientações básicas como informações sobre currículo, grade horária etc., como exemplifica a estudante a seguir:

“Em IES, ganhei uma preparação maior para o mundo universitário, me fazendo sentir parte desse lugar e a dar os primeiros passos dentro da universidade. Aprendi sobre os trabalhos acadêmicos que não são apresentados no ensino médio e aprendi também sobre temas que eram obscuros para mim” (Estudante 32, sexo feminino, 17 anos, Economia).

Os ingressantes ainda destacaram a confiança, o conhecimento do espaço físico, o desenvolvimento do gosto pela leitura e o auxílio para escrever suas ideias, considerando uma postura ética sem o cometimento do plágio, alcance de uma visão de mundo acadêmico, além da aprendizagem de conviver em grupo e do apoio para exploração de espaços diversificados dentro da Universidade.

Por essas razões, os estudantes que declararam se sentirem respeitados como pessoas, reconhecem a importância da IES neste processo de formação universitária, recomendando essa disciplina a outros estudantes (94,5%). Assim, também pode se constatar nas questões abertas:

“A disciplina de IES tem grande validade na formação dos estudantes universitários, pois é possível a elaboração de ótimos trabalhos acadêmicos no âmbito da universidade, além de desenvolver um senso crítico mais apurado acerca do universo acadêmico” (Estudante 31, sexo masculino, 26 anos, Economia).

Por fim, nas turmas pesquisadas, verificou-se a presença de alunos já graduados ou especialistas, que, mesmo desobrigados de cursarem IES, optaram por matricular-se na disciplina e verificaram a validade dela para desenvolvimento no seu curso.

Conclusões

É possível concluir que a Introdução à Educação Superior (IES), como componente curricular obrigatório aos ingressantes, fazendo parte da política educacional da Educação

Superior da Universidade Católica de Brasília, tem alcançado os objetivos a que se propõe, tornando mais eficaz a aprendizagem dos estudantes que, ao término do semestre, constataram, entre outros ganhos, a preparação dos trabalhos acadêmicos desde o levantamento de fontes bibliográficas, a compreensão de textos científicos até a estruturação normativa dos trabalhos acadêmicos.

Inferiu-se, a partir dos dados apresentados, que a IES subsidia os estudantes e, portanto, tem impacto no seu desempenho, motivando-os ainda mais em relação ao seu curso como declararam um percentual significativo de 83,6 % dos respondentes ao término do semestre.

Deste modo, as ações implementadas a partir da proposta curricular de IES, colaboram para superar as deficiências oriundas do ensino médio no que concerne à construção de novos conhecimentos que perpassa pelo processo de elaboração textual e conscientização do não cometimento do plágio na elaboração dos trabalhos acadêmicos.

Referências

AMORIM, Walquíria Therezinha. Leitura: barreira na formação acadêmica. OLIVEIRA, Anátalia Dejene de; PIMENTEL, Gabriela Sousa Rêgo. *Educação superior: questões contemporâneas*. Salvador: EDUNEB, 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). *NBR 10.520/2002. Informação e documentação – Citações em documentos*. Rio de Janeiro, ago. 2002. Disponível em: <www.abnt.org.br>. Acesso em: 02 jun. 2014.

BRAGA I, Luiz. Os melhores alunos que saem do ensino superior estão preparados para prosseguir estudos universitários na área de ciências físicas e matemáticas? *Cad. Cat. Fis.*, Florianópolis 4 (1): 25-31, abr. 1987. Disponível em: <<file:///C:/Documents%20and%20Settings/Adriana.HOME/Desktop/7862-23655-1-PB.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

BRASIL, *Lei de direitos autorais. Lei 9.610 de fevereiro de 1998*. 1998. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm>. Acesso em: 30 maio 2014.

DEMO, Pedro. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2009.

DEMO, Pedro. *Vícios metodológicos*. Brasília: UnB, 2003.

FREITAS, Talita Cristiane Sutter. A percepção dos discentes sobre as dificuldades na produção do trabalho acadêmico. *Anais do IX Anped Sul. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul*. 2012, p. 1- 13. Disponível em: <www.portalanpedsul.com.br/.../Trabalho/05_17_58_77-7365-1-PB.pdf>. Acessado em: 04 jun. 2014.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

JULLIATO, Clemente Ivo. *A universidade em busca de excelência: um estudo sobre a qualidade da educação*. 2. ed. Curitiba: Champagnat, 2010.

MOTTA, Íride Luiza de Oliveira Murari. Dificuldades na escrita dos alunos de ensino superior: uma análise das narrativas escritas dos alunos da Faculdade Eduvale. *Revista Científica Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas da Eduvale*, Ano III, n. 05, out., 2010, p. 1-14, Faculdade de Ciências Sociais aplicadas do Vale de São Lourenço- Mato Grosso, 2010. Disponível em: <<http://www.eduvalesl.edu.br/site/edicao/edicao-27.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2014.

PITHAN, Livia Haygert; VIDAL, Tatiane Regina Amando. O plágio acadêmico como um problema ético, jurídico e pedagógico. *Direito & Justiça*, v. 39, n. 1, p. 77-82, jan/jun. 2013.

RODRIGUES, Moraes. O plágio na pesquisa acadêmica: a proliferação da desonestidade intelectual. *Diálogos possíveis. Sl/Sd. p. 91-109* Disponível em: <<http://universitario.educacional.com.br/dados/unvAtivComplementares/123810001/AtivIndicadas/645/O%20pl%20A1gio%20na%20pesquisa%20acad%20C3%AAmica.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2014.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA. *Dossiê Reflexivo de Introdução à Educação Superior*. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2011.

WOLYNEC, Elisa. *O impacto da internet na Educação Superior*. S/l. Maio 2010. Disponível em: <<http://www.techne.com.br/artigos/O%20Impacto%20da%20Internet%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Superior.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2014.